

OS SARAUS E A PEDAGOGIA:

literatura marginal-periférica tecendo encontros e abrindo caminhos

Nayara Teixeira de Souza Matos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-7373-5257>

Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0001-7682-4717>

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as atividades, reflexões e reverberações envolvidas no processo da experiência do estágio docente de uma mestranda em Educação destacando as aulas que trataram das relações entre a literatura marginal-periférica, as escolas e outros espaços de saberes. A maior inspiração para o planejamento das atividades de estágio foi a Pedagogia dos Saraus, que é um conceito desenvolvido por Rodrigo Ciríaco e aborda como é possível desenvolver saraus como ferramenta pedagógica. A partir da pesquisa de Soares (2009) sobre a introdução da literatura marginal-periférica nas escolas, reflexões surgiram acerca da sua importância para o incentivo à leitura e escrita. Os estudos sobre as estreitas relações entre os saraus e a literatura marginal-periférica foram apoiadas nas produções de Ferréz (2005) e Sérgio Vaz (2021) no que diz respeito às definições do que seria essa literatura e como eles atuam nesses espaços, enquanto Oliveira (2020) contribuiu para o pensamento de uma sociogênese possível dos saraus no Brasil. Diante de um pensamento poético que conduz este trabalho também foi considerado importante nesta construção o movimento cotidianista que aponta para a necessidade de narrar a vida e literaturizar a ciência (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019). A partir da abordagem metodológica da pesquisa narrativa (KILOMBA, 2019), foram destacadas passagens que nasceram dos encontros das aulas que sempre eram baseadas nas interações com a turma.

PALAVRAS-CHAVE: saraus. literatura marginal-periférica. narrativas.

Abstract

The present work aims to present the activities, reflections and reverberations involved in the process of the teaching internship experience of a master's student in Education, highlighting the classes that dealt with the relationships between marginal-peripheral literature, schools and other spaces of knowledge. The biggest inspiration for planning internship activities was the Soiree Pedagogy, which is a concept developed by Rodrigo Cirático and addresses how it is possible to develop soirées as a pedagogical tool. Based on research by Soares (2009) on the introduction of marginal-peripheral literature in schools, reflections emerged about its importance for encouraging reading and writing. Studies on the close relationships between soirées and marginal-peripheral literature were supported by the productions of Ferréz (2005) and Sérgio Vaz (2021) with regard to the definitions of what this literature would be and how they act in these spaces, while Oliveira (2020) contributed to the thought of

a possible sociogenesis of soirées in Brazil. Given the poetic thought that drives this work, the everyday movement that points to the need to narrate life and literate science was also considered important in this construction (ANDRADE;CALDAS;ALVES, 2019). Using the methodological approach of narrative research (KILOMBA,2019), passages that arose from class meetings were highlighted, which were always based on interactions with the class.

KEYWORDS: soirées. marginal-peripheral literature. narratives.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo presentar las actividades, reflexiones y reverberaciones involucradas en el proceso de la experiencia de pasantía docente de un estudiante de maestría en Educación, destacando las clases que abordaron las relaciones entre la literatura marginal-periférica, las escuelas y otros espacios del conocimiento. La mayor inspiración para planificar las actividades de pasantía fue la Pedagogía de Soirée, que es un concepto desarrollado por Rodrigo Cirático y aborda cómo es posible desarrollar la soirée como herramienta pedagógica. A partir de la investigación de Soares (2009) sobre la introducción de la literatura marginal-periférica en las escuelas, surgieron reflexiones sobre su importancia para el fomento de la lectura y la escritura. Los estudios sobre las estrechas relaciones entre soirée y literatura marginal-periférica fueron apoyados por las producciones de Ferréz (2005) y Sérgio Vaz (2021) en cuanto a las definiciones de lo que sería esta literatura y cómo actúan en esos espacios, mientras que Oliveira (2020) contribuyó a pensar en una posible sociogénesis de soirée en Brasil. Dado el pensamiento poético que impulsa este trabajo, también se consideró importante en esta construcción el movimiento cotidiano que apunta a la necesidad de narrar la vida y alfabetizar la ciencia (ANDRADE;CALDAS;ALVES, 2019). Utilizando el enfoque metodológico de la investigación narrativa (KILOMBA,2019), se resaltaron pasajes surgidos de reuniones de clase, que siempre se basaron en interacciones con la clase.

PALABRAS CLAVE: soirée. literatura marginal-periférica. narrativas.

1 TESSITURA DE PALAVRAS, CAMINHOS E PLANOS DE AULAS

É muito importante a gente falar de literatura, falar de arte na base, falar com essas pessoas, com essas crianças. Entender como é que eles querem receber a literatura, como é que eles entendem de poesia, o que eles estão falando, como estão pensando.
Sérgio Vaz.

Foi com essas palavras de Sérgio Vaz que me apeguei para pensar nas aulas que seriam desenvolvidas durante o meu estágio docente no mestrado em Educação em parceria com meu orientador. Junto com outros pontos aprendidos durante minha trajetória acadêmica e nas vivências frequentando saraus nas periferias cariocas e paulistas, essas palavras do autor da epígrafe acima foram as sementes que fizeram florescer as ideias para o que seria proposto durante as aulas para a turma de graduação em Pedagogia na disciplina Educação Estética. As aulas aconteciam duas

vezes na semana com duração de 1 hora e 20 minutos cada e o período do estágio foi de um mês.

Esta escrita tem o objetivo de apresentar as atividades, reflexões e reverberações envolvidas no processo da experiência desse estágio destacando as relações entre a literatura marginal-periférica, as escolas e outros espaços de saberes, principalmente as aulas que trataram direta ou indiretamente a Pedagogia dos Saraus. Esse conceito desenvolvido por Rodrigo Ciríaco aborda como é possível desenvolver saraus como ferramenta pedagógica. A partir da abordagem metodológica da pesquisa narrativa (KILOMBA, 2019), serão trazidas aqui passagens que nasceram dos encontros das aulas que sempre eram baseadas nas interações com a turma. Diante de um pensamento poético que conduz este trabalho também foi considerado importante nesta construção o movimento cotidianista que aponta para a necessidade de narrar a vida e literaturizar a ciência (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019). Se em outras abordagens seria previsível a presença de dicotomias separando a arte da ciência, o corpo da mente, o autor da subjetividade, aqui o que ganha espaço é a possibilidade do encontro de tudo isso. Nesse sentido, a narrativa busca conhecer os efeitos das práticas entre as pessoas e literaturizar a ciência está ligado a romper com o sujeito anônimo de suposta linguagem neutra (Ibidem).

A primeira aula foi campo fértil para os conhecimentos. Trago aqui a palavra “conhecimentos” no seu sentido mais amplo e aqui se referindo também ao processo de as pessoas se conhecerem, o ato de conhecer alguém e esse alguém te conhecer. Fizemos uma roda para que cada uma¹ se apresentasse, falasse um pouco de si e como compreendia a disciplina ali ministrada. Nesse primeiro contato também foi perguntado o que elas esperavam que fosse abordado quando se inscreveram na disciplina e se as expectativas estavam sendo atendidas pelas aulas que tiveram até o momento - aproximadamente um mês e meio de aulas. Outra pergunta feita foi sobre o que elas gostariam que fosse abordado na disciplina. Algumas responderam que não sabia muito bem do que se tratava a disciplina quando se inscreveram, outras falaram que se inscreveram porque essa era a última disciplina que faltava para poder se formar - aqui vale destacar que também nessa conversa inicial foi percebido que a

¹ Quando nos referirmos às pessoas integrantes da turma em questão usaremos o feminino, pois a grande maioria era composta por mulheres.

maior parte da turma era formada por estudantes que já estavam próximas de concluir o curso. Uma outra estudante disse que ainda não tinha entendido a proposta da disciplina, que estava tentando se encontrar em meio às aulas nesse sentido. Sobre o que gostariam que fosse abordado na disciplina, a grande maioria falou sobre o desejo de ter atividades que mostrassem como elas poderiam levar o que foi aprendido na disciplina para suas práticas pedagógicas nas escolas e em outros espaços em que já atuavam ou atuariam no futuro. Também houve um apontamento para o interesse na relação da disciplina com as infâncias.

No momento em que fui me apresentar falei um pouco sobre mim, minha trajetória acadêmica e de vida, que assim como elas eu também fui estudante de Pedagogia e tinha pouco mais de um ano que havia concluído o curso. Falei também da minha trajetória como poeta e escritora que começou a se interessar pela literatura marginal-periférica ainda em 2015 através de vídeos no YouTube de poetas periféricos recitando poesias em saraus e nos trens de São Paulo. Inspirada por esses vídeos, comecei a escrever poesias que guardava só para mim, mas depois de um certo tempo tomei coragem para recitá-las em saraus e slams². Diante disso, pontuei que os temas que seriam abordados nas aulas seguintes partiam tanto dos meus estudos durante minha trajetória acadêmica, quanto das minhas vivências como poeta, mulher preta e de origem favelada, pois esses pontos estão intrinsecamente ligados.

Expliquei a parte do planejamento geral das aulas que havia pensado e elaborado junto ao orientador, para o mês. Destaquei que o planejamento das aulas não estava fechado, pois a proposta era conhecer as pessoas que ali estavam, os entendimentos que elas tinham da disciplina até então e saber o que elas gostariam que fosse abordado, para ir construindo os planejamentos mais detalhados das outras aulas. A ideia inicial era apresentar as produções de saberes dos saraus periféricos e da literatura marginal-periférica no entrelace com a educação para as relações étnico-raciais. Aqui aproveito para reforçar que “nas pesquisas com os cotidianos reconhecemos que todos somos autores como ‘praticantespensantes’ de múltiplos e

² Slams são campeonatos de poesia falada onde os participantes devem recitar poesias autorais de até três minutos de duração sem o auxílio de nenhum objeto cênico ou acompanhamento musical. Um júri popular é escolhido aleatoriamente no momento do evento e os jurados dão notas às performances dos poetas.

diversos cotidianos que surgem nas tantas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos.” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p.33).

Após a conversa em roda da primeira aula, algumas adaptações e acréscimos foram feitos no planejamento inicial de acordo com o que foi refletido sobre as colocações das estudantes. Mais materiais voltados às infâncias e sugestões de atividades relacionadas ao que seria abordado foram consideradas durante as aulas seguintes. Ainda que haja planos e planejamentos, percebemos que as incertezas e imprevistos fazem parte do caminho e que querer controlar tudo é um desgaste em vão. Por escolher também metodologias de aulas que se baseavam nas interações com as estudantes, já sabia que não teria como prever o que surgiria dos encontros, mas sim que poderia levar propostas e lidar com a eclosão do novo.

A literatura marginal-periférica, principalmente a poesia marginal-periférica, foi escolhida como fio condutor das aulas. Essa escolha foi feita por quatro motivos: ser condizente com a disciplina em que estava desenvolvendo o estágio, ser parte da pesquisa que já vinha desenvolvendo no mestrado, ter grande importância nas minhas vivências como poeta e considerar como tema de grande relevância para ser compartilhado nas aulas de Educação Estética de um Curso de Pedagogia, acreditando que isso contribuiria para o desdobramento de outras formas em seus fazeres pedagógicos.

Baseada nas definições de Ferréz (2005, p.12) em relação à literatura marginal como sendo “uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas” e de Sérgio Vaz ao dizer que a literatura periférica “não se mede pela pontuação, métrica ou/ estética, ainda que tudo isso tenha sua serventia, mas/muito mais pela postura de suas linhas e entrelinhas, que/nos livra da cadeira elétrica”³, considero importante destacar o que será abordado aqui como literatura marginal-periférica. Entendo como literatura marginal-periférica a literatura produzida por pessoas que vivem nas periferias e margens da sociedade, não exclusivamente no que se refere ao espaço físico ou geográfico, mas também no que se refere às periferias e margens sociais.

³ Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/1425686107510802/>> Acesso em: 22 set. 2024

De qual poesia vamos tratar? Suponho que se perguntássemos a mil pessoas diferentes o que é poesia, poderíamos ter mil respostas diferentes. Talvez em sua raiz, se a gente cavar bem fundo, podemos encontrar significados próximos, mas ainda assim suponho que não se encontraria uma resposta única. Guerreiro Ramos já comparou poetas a místicos, santos, políticos e administradores. Solano Trindade disse que seu poema atravessa séculos. Audre Lorde nos alertou que a poesia não é luxo. Carolina Maria de Jesus escreveu que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido. E a gente no meio disso tudo? Seguimos acolhendo as impossibilidades de definir algo que é tão difícil de delimitar, mas que ao mesmo tempo é fácil de sentir: poesia. Por hora me contento em não chegar a uma conclusão sobre seu significado, mas sigo disposta a seguir sentindo, refletindo e compartilhando o que ela já me mostrou do mundo.

2 DESSACRALIZANDO A LITERATURA: DOS SALÕES AOS BARES

As primeiras aulas foram dedicadas a falar dos saraus em suas perspectivas históricas e sociais. A essência do sarau consiste em ser um espaço em que pessoas vão para compartilhar e apreciar arte. Normalmente são apresentadas e assistidas obras literárias, cênicas, visuais, musicais e performáticas. Saraus não são bem novidades no Brasil, mas suas formas de fazer podem ter mudado ao longo dos anos. Inicialmente os saraus eram mais comuns entre as classes mais abastadas e os locais onde aconteciam normalmente eram privados (predominantemente salões). Oliveira (2020), ao traçar uma sociogênese possível dos saraus, aponta para a importância do viés de sociabilidade desses espaços, pois seriam também locais onde aconteceriam - mesmo que esse não fosse o foco principal do evento - debates políticos, consolidação de negócios e cultivo de novas amizades. O autor revela que um dado importante a ser considerado no surgimento dos saraus no Brasil, diz respeito à chegada da família real portuguesa às terras brasileiras. Posteriormente, as viagens ao longo do Século XIX que parte da chamada “elite intelectual brasileira” fazia à Europa - onde os saraus já aconteciam com maior frequência e há mais tempo - teriam sido responsáveis por angariar mais adeptos dessa prática. Porém a solidificação

desse evento artístico no Brasil só veio depois, como podemos notar na seguinte passagem:

somente entre o final do século XIX e o início do XX que a prática entrou, de fato, em vigor no modo de vida, na economia do gosto e no glossário artístico de membros da elite, sobretudo paulista, a partir daquele processo de transposição de determinadas tradições culturais do velho mundo, tal como equacionada por Schwarz (2009). Com “elite paulista”, remeto, mais designadamente, a um novo e pequeno agrupamento social que emergia, na época, no estado de São Paulo: os chamados “barões do café” ou “aristocracia cafeeira. (OLIVEIRA, 2020, p. 15)

Se antes era uma “aristocracia cafeeira” que movimentava os saraus em terras paulistas, hoje podemos dizer que os saraus mais conhecidos e frequentados nessas mesmas terras são feitos por pessoas das periferias. O Sarau da Cooperifa e o Sarau do Binho são exemplos de (re)existência cultural e marcam presença fundamental na cena poética de São Paulo e do Brasil. Podemos dizer que o jeito de fazer sarau no Brasil ganhou novas roupagens, falas, caras, cores, peles e CEPs. Diferentemente dos salões de antigamente, os locais onde acontecem os saraus periféricos geralmente são bares, praças e quintais.

2001 pode ser considerado um ano de extrema importância quando o assunto é sarau periférico, pois foi neste ano que Sérgio Vaz e Marcos Pezão criaram o Sarau da Cooperifa - um dos maiores, senão o maior e mais longo sarau periférico do Brasil. Foi no Bar do Zé Batidão que tudo começou e até hoje faz das noites das terças-feiras um verdadeiro céu de poesias. Recentemente eu tive a oportunidade de presenciar a efervescência que é aquele lugar por volta das 20h (horário que o sarau começa) com pessoas de diversas partes de São Paulo e do Brasil (como por exemplo eu que moro no Rio de Janeiro) chegando. Ali eu pude, mais que entender, sentir o porquê da frase tão proferida por Vaz: “O Sarau da Cooperifa é quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade”⁴. Mesas e cadeiras completamente ocupadas, pessoas em pé, gente do lado de fora do bar na calçada, uma fila de poetas inscritos para recitar e o lugar tomado por um ar de celebração. Com a ideia de transformar bares em centros culturais, Vaz viu nesse espaço o lugar de encontro das

⁴ Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade>> Acesso em: 22 set. 2024

peças que moravam na região e apostou que ali seria solo fértil para a promoção de atividades que contribuíssem social, literária e politicamente para a comunidade. Percebeu que “nós precisamos dessa dose de poesia, de utopia, para que a gente possa continuar vivendo” (VAZ,2021)⁵.

Ainda na ocasião, um ônibus “de viagem” parado próximo ao bar me chamou a atenção. Só depois de adentrar no local e o poeta anfitrião anunciar no microfone as boas-vindas aos estudantes é que fui entender que ali estavam alunos de uma escola que fretou um ônibus para levar os estudantes até o evento poético. A relação de Sérgio Vaz com as escolas não é recente e nem rara. Ele conta como iniciou o projeto “Poesia contra a violência” nas escolas:

No começo, quando eu fui na primeira escola muitos anos atrás, eu fui a convite de um amigo professor, para falar, e eu não sabia falar. Ainda não sei, mas eu não sabia direito o que eu ia falar, como eu ia conversar. Mas eu lembro que um jovem perguntou: "Professor, como ele pode ser escritor, se todo escritor já morreu?" E aquilo bateu muito forte, imaginar que a visão que os jovens têm do escritor é que ele já morreu. (...) Aí eu fiquei pensando, puxa, eu escrevo com a periferia, escrevo sobre isso, e será que eu vou ter que morrer para eles conhecerem o meu trabalho? E comecei a pedir para os meus amigos e amigas professoras para me convidar, e não parei mais (VAZ, 2021)

Esse breve panorama histórico e social dos saraus no Brasil, mais especificamente em São Paulo, foi abordado nas primeiras aulas do estágio docente. Imagens e vídeos do Sarau da Cooperifa foram mostrados, interações ocorreram em volta de perguntas se as estudantes já tinham ido a algum sarau, se sabiam como funcionava, se já tinham ouvido falar e se sabiam de algum sarau próximo de onde moravam. Algumas ficaram surpresas com as imagens de como o local em que o evento ocorria estava cheio de gente até mesmo do lado de fora, na calçada. Outras falaram que já tinham ouvido falar em sarau, mas não em bar. Uma disse que já tinha ido a uma roda cultural de rima e perguntou se elas poderiam ser consideradas como um sarau. Respondi que no Rio de Janeiro realmente as rodas culturais de rima são mais comuns que os saraus, mas eu não saberia afirmar se elas poderiam ser consideradas saraus. Agora refletindo com mais calma, penso que elas poderiam ser

⁵ Idem

consideradas saraus, pois também têm em sua essência a característica de ser um lugar em que pessoas se reúnem para compartilhar arte.

3 DEPOIS DOS SALÕES E BARES, AS ESCOLAS

Além dos vídeos do Sarau da Cooperifa, foram exibidos também vídeos de participação de poetas em alguns slams. Apesar de existirem diferenças entre os saraus e os slams, considere relevante a apresentação desses vídeos por entender que atualmente existe uma forte relação entre esses dois tipos de eventos artísticos. Diferentemente dos saraus, os slams têm algumas regras a serem seguidas: as poesias recitadas precisam ter duração de no máximo três minutos, o poeta não pode ter acompanhamento musical/instrumental, não pode usar adereços e ao final da apresentação os jurados escolhidos previamente entre o público julga a performance com notas de zero a dez. Ainda que existam distinções, os dois prezam pela arte da poesia e da palavra e têm características semelhantes como por exemplo acontecerem em espaços públicos (principalmente praças), além de serem promovidos, em sua maioria, por pessoas periféricas em territórios periféricos. Os slams começaram a ganhar grande notoriedade e público no Brasil por volta de 2014 por se tratar de espaços onde a poesia borbuhava principalmente reflexões pelo viés da luta social e política. O compartilhamento dos vídeos de slams nas plataformas digitais passou a ser muito comum - o que contribuiu para a popularização desses eventos e fez com eles alcançassem muitas visualizações, adeptos e frequentadores.

Algumas estudantes já tinham visto vídeo de poeta recitando em slam por meio da “viralização” em alguma rede social. Uma me falou sobre um vídeo de um poeta que a tocou bastante e eu aproveitei para exibir esse vídeo para a turma no mesmo momento. Tivemos uma breve conversa sobre as questões que o poeta abordava em suas palavras como por exemplo o racismo e as dificuldades encontradas por quem pertence às classes sociais menos favorecidas.

As aulas seguintes foram dedicadas a falar sobre a Pedagogia dos Saraus - conceito desenvolvido por Rodrigo Ciríaco - e sobre o Slam Interescolar que acontece em diversos estados do Brasil, mas com o recorte de levar o que ocorre no estado de São Paulo por ser o maior e mais duradouro. Em abril de 2018 fui até São Paulo para

participar do curso intitulado “Pedagogia dos Saraus”, ministrado pelo próprio Rodrigo Ciríaco. Ele é educador, escritor e coordenador de diversas atividades de incentivo à leitura, produção escrita e difusão literária, principalmente dentro das escolas da rede pública de SP. O curso aconteceu em uma tarde na Ocupação Ermelino Matarazzo - movimento de ocupação de atividades culturais em um prédio público desativado há décadas na zona leste de SP - e abordou temas como a valorização da literatura marginal-periférica e como os saraus promovidos por Rodrigo nas escolas contribuem para o interesse de crianças, jovens e adolescentes pelo mundo literário.

A Pedagogia dos Saraus trata das possibilidades de desenvolver saraus como ferramenta pedagógica e tem como um de seus papéis fundamentais mostrar como o sarau tem atuação importante na mediação da leitura e formação de leitores. O trabalho de Ciríaco também diz respeito ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, performance e apresentação. Sendo fundador do Sarau dos Mesquiteiros - voltado para adolescentes - e criador do Sarauzim - voltado para o público infantil - ele demonstra que, para além do trabalho desenvolvido nas escolas, a atuação em outros espaços é de suma importância. Seu livro “Te pego lá fora” é um exemplo de como o professor une suas experiências no cotidiano escolar com uma escrita política e periférica. Através de contos, ele traz à tona reflexões que surgem a partir de situações vividas nas escolas em que atua.

Ao mostrar vídeos do Sarauzim para a turma onde estava realizando o meu estágio docente, uma parte das estudantes pareceram surpresas ao ver que crianças desde aproximadamente três anos já participavam do sarau. O ato de trazer esses vídeos para as aulas também foi influenciado por aquele pedido inicial de uma estudante para que as infâncias fossem mais abordadas. Conversamos um pouco sobre como Ciríaco realizava as atividades e dali saíram ideias de como elas poderiam levar isso para as práticas pedagógicas delas. Alguns pontos foram destacados nas reflexões sobre os vídeos, como por exemplo a forma como algumas crianças pareciam naturalmente mais confortáveis em se apresentar do que outras, a importância do acolhimento de Rodrigo com as crianças que no meio da apresentação, por algum motivo, paravam ou pareciam não estar confortável, como a finalização do sarau com uma atividade que convidava todos que estavam participando a cantar e dançar juntos teve a adesão de todos.

Com o Sarau dos Mesquiteiros ele desenvolve um trabalho poético com adolescentes de doze a dezessete anos. Na passagem a seguir ele conta como começou o projeto:

De 2006 a 2008, o projeto foi tocado de forma individual, dentro da sala de aula. Uma vez por mês, em todas as minhas salas, interrompia meu cronograma curricular de história, levava meus livros, pegava os livros da biblioteca; parava tudo e decretava: hoje é sarau. Hoje vamos viver e compartilhar poesia. (MESQUITEIROS, 2016, p.9)

Mesquiteiros inicialmente era o nome do grupo de estudo, pesquisa, experimentações e performances poéticas montado em 2009 por Ciríaco e os estudantes da escola pública em que era professor. Em 2010 é que nasce o Sarau dos Mesquiteiros que acontecia todo último sábado do mês e enchia de poesia, música, dança, desenho e teatro a escola por mais de três horas. O mais interessante é que a abertura do evento começava com um cortejo dos estudantes pela comunidade chamando as pessoas para participar do evento.

O Slam Interescolar foi outro projeto que abordamos nas aulas, por entender que a poesia ali presente e o modo como o projeto é construído poderia trazer contribuições para nossas reflexões diante de um pensamento poético para as práticas educativas. Esse campeonato de poesia entre escolas existe em diversos estados do Brasil, mas na ocasião fiz o recorte do estado de São Paulo por ser o que tem maior número de estudantes participantes e o maior número de edições. Após assistirmos alguns vídeos sobre ele, apresentei alguns dados. A primeira edição em 2015 contou com oito escolas e esse número foi crescendo vertiginosamente ao passar das edições anuais, chegando em 2019 com a participação de oitenta escolas e em 2023 com mais de trezentas escolas. Participam estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A equipe de organizadores do Slam da Guilhermina, juntamente com poetas convidados, são responsáveis por fazer pelo menos duas visitas em cada escola para realizar formação com professores e estudantes. Essa formação visa capacitar a escola para produzir slams como seletiva para escolher o estudante que representará sua escola no interescolar. No fim do ano, quando acontece o evento final, cada escola tem seu representante que participará das etapas decisivas do slam interescolar. Os finalistas que ficam no primeiro, segundo e terceiro lugar ganham prêmios. Algumas falas de professoras e estudantes chamam atenção

para o viés pedagógico do Slam Interescolar, como por exemplo a fala de Márcia Rodrigues de Oliveira, professora de Língua Portuguesa no CEU Feitiço da Vila (zona Sul) que é uma das escolas participantes:

dentro da sala, dá a impressão que é só aquele mundinho, e que a literatura é só uma cobrança. mas eles perceberam que vai mais além disso, e isso serve de incentivo para os demais, tem toda uma torcida e um grupo se empenhando. na nossa escola, o slam com certeza vai virar uma cultura.⁶

Cristina Assunção, professora e uma das idealizadoras do projeto, também fala sobre toda a movimentação que ele leva para as escolas e da diversidade de atuação dos jovens:

Hoje a gente pode ampliar isso para o protagonismo juvenil, não só na fala dos poetas (porque o slam é organizado para toda a escola e não somente para poetas), mas também na área da produção de cartazes, flyers, apresentação e imprensa jovem. O protagonismo surgiu como grande objetivo.⁷

Já Ana Beatriz, estudante de quinze anos e vice-campeã da edição de 2023, conta como foi importante para seu desenvolvimento como poeta participar do evento:

Quando eu participei de um slam de poesias pela primeira vez eu estava muito nervosa, e hoje estar nesse palco representando a minha escola é muito importante. Com o tempo, adquiri confiança, que é um adicional. É questão de falar e sustentar a vivência que a gente tem (...) tenho muito amor pelo que eu faço. pra mim é um gás estar vivendo tudo isso e sonhar que um dia posso chegar ao mesmo lugar de slammers que eu admiro.⁸

Através dessas falas, dos vídeos assistidos e do livro que conta a trajetória do Slam Interescolar, podemos perceber como esse projeto foi e continua sendo revolucionário tanto para as escolas, quanto para os organizadores. Vale destacar que o livro escrito por Emerson Alcalde - fundador do Slam da Guilhermina - que conta a trajetória do projeto ganhou o maior prêmio da literatura brasileira em 2021 na categoria “Fomento à Leitura” no eixo Inovação do Prêmio Jabuti.

⁶ Disponível em <<https://periferiaemmovimento.com.br/slaminterescolar112023/>> Acesso em: 24 nov. 2023

⁷ Idem

⁸ Idem

A produção de Soares (2009) sobre a literatura marginal-periférica nas escolas também foi abordada nas aulas. Em sua pesquisa ela relata como a introdução dessa literatura em suas práticas como professora de Língua Portuguesa contribuiu para maior interesse dos alunos na leitura e escrita. Ela constatou que as atividades realizadas com livros de autores periféricos serviram como uma espécie de porta de entrada dos estudantes para o mundo literário. Sobre as formas como desenvolvia essas atividades, ela conta:

Essas práticas que experimentei em sala de aula, denomino-as “experiências”, uma vez que foram introduzidas sem que houvesse referenciais anteriores sobre os quais eu pudesse me pautar, ou melhor, eu desconhecia referenciais sobre os quais pudesse me pautar. Essas experiências ocorreram, portanto, como parte de minha atividade docente no ensino básico público estadual e as considero relevantes principalmente porque despertaram entusiasmo e comentários calorosos dos alunos envolvidos (alunos de ensino fundamental II e ensino médio) ao longo de quatro anos de atividade e possibilitaram trazer o assunto para o âmbito acadêmico, bem como introduzi-lo nos estudos sobre o ensino de literatura. (SOARES, 2009, p.65)

No decorrer de sua pesquisa, ela percebeu também que a linguagem mais próxima à oralidade e os conteúdos abordados na literatura marginal-periférica mais próxima da realidade vivida pelos estudantes eram pontos que provocavam debates sobre os textos pelo seu viés político e literário. Além de promover o incentivo à leitura e escrita em suas aulas, essa literatura foi responsável por despertar interações nas atividades escolares propostas que antes não aconteciam com textos canônicos.

4 (AUTO)REFLEXÕES E O (SE) REMEXER POR DENTRO E POR FORA

A palavra não se limita a ser veiculadora dos sentidos, a palavra é carne, é materializadora da vida, propiciadora dos acontecimentos..

Luiz Rufino

Para o último dia do ciclo de aulas desenvolvidas no estágio docente, foi proposto junto ao meu orientador que fizéssemos um sarau com a turma. A proposta foi pensada inicialmente para promover a experimentação do que é se apresentar e/ou estar assistindo às apresentações em um sarau. Apostando no que diz a epígrafe acima, compreendo que a minha experiência participando de saraus me proporcionou

viver a palavra de uma forma diferente de tantas outras. Por ser carne, materializadora e propiciadora de acontecimentos, acredito que tanto a palavra dita e escrita quanto a ouvida e lida são capazes de (re)mexer por dentro e por fora das pessoas. Não foi uma atividade obrigatória, mas durante as aulas foram feitas falas de incentivo para que todas participassem. Não posso negar que houve receio de que ninguém ou quase ninguém quisesse participar, mas surpreendentemente quase todos os presentes participaram.

Podemos dizer que também foi uma celebração da palavra, das linguagens escrita, oral e corporal. Tivemos estudantes que levaram música, outras leram alguma poesia de algum/a autor/a que gostava e tivemos também estudantes que escreveram poesias autorais para apresentar no sarau da turma. Foram diversas apresentações cheias de sentimentos. Todas tinham alguma ligação com sua vida pessoal, algo que era importante em sua trajetória e que a afetava de alguma maneira - seja uma música que lembrava a ternura da avó ou uma poesia feita para denunciar a violência policial.

Foram tantas apresentações ricas em reflexões individuais, coletivas, sociais, geográficas e políticas que ficaria difícil discorrer sobre todas elas aqui. Escolhi destacar as quatro apresentações que mais (re)mexeram comigo. Confesso que durante elas segurei o choro. Um ato involuntário de querer cessar as lágrimas quando entre outras pessoas me fez repensar o porquê disso - aqui já aponto um efeito percebido do sarau que é experienciar a palavra em coletivo. Todos estão assistindo à mesma apresentação, mas cada um é tocado de uma forma. Ao mesmo tempo que a palavra tem o potencial de (re)mexer os sentimentos de quem fala, também pode fazer isso com quem escuta. Digo isso por perceber a emoção das quatro estudantes que destaco aqui ao se apresentarem. O que era falado era tão forte para elas, que reverberou em mim - e em outras pessoas presentes.

A primeira foi Luz, mulher negra periférica que apresentou uma música do gênero rap. Ao explicar sua escolha para apresentação, disse que aquela música fazia lembrar do assassinato de um jovem colega que cresceu junto com ela no bairro em que morava. Completou que a forma brutal da morte causou grande revolta e tristeza na época e até os dias atuais. Na ocasião esse colega estava em um carro com mais quatro amigos indo comemorar o primeiro salário dele, quando a polícia atingiu o veículo com cento e onze tiros. O caso ganhou repercussão nacional pela brutalidade

e escancaramento da violência policial carioca, mas o fato é que a vida do jovem não volta mais. A estudante foi às lágrimas ao contar essa história e lembrar dos tempos de criança em que tinha mais contato com o colega. Ela refletia sobre o porquê daquilo acontecer de forma tão cruel e ser tão comum no nosso território. Ela apontou também que a música era importante para ela, pois não deixava esse caso cair no esquecimento e reforçava a luta por justiça e denúncia da violência policial.

A segunda foi Mel, mulher negra, moradora de uma das maiores favelas do Rio de Janeiro que apresentou uma poesia autoral. Na sua poesia ela abordava como era viver em um lugar que constantemente é tomado por operações policiais violentas. O medo do som dos tiros, os gritos dos policiais, os choros das crianças, a incerteza se vai conseguir sair para trabalhar e estudar, a incerteza da vida. Ao ler sua poesia, podia-se notar um certo tom que misturava emoção com firmeza. Essa apresentação me chamou atenção também pelo fato dessa estudante não ter interagido durante as outras aulas, parecer mais tímida, mas na ocasião do sarau ela escreveu uma poesia para apresentar.

A terceira foi Luiza, mulher branca periférica que no início da aula falou que não tinha preparado nada para apresentar no sarau e me falou: “Se você tivesse trazido aquele livro do Racionais de novo, eu ia ler uma música que está lá e é muito marcante na minha vida.” Aqui abro um parêntese para explicar: No decorrer das aulas do estágio eu levava livros que conversavam com os temas que estavam sendo abordados para as estudantes pegarem, lerem...para elas terem a experiência de saber que existem muitos livros que falam sobre esses temas - tanto livros para contribuir na formação pelo viés profissional quanto livros que elas poderiam levar para suas práticas pedagógicas com crianças, jovens e adultos. Em uma dessas vezes, um dos livros que levei foi o “Sobrevivendo no Inferno” que é baseado no álbum de mesmo nome do grupo de rap Racionais Mc’s. Pois bem, depois dessa fala de Luiza eu mostrei que eu tinha levado o livro novamente e ela poderia pegar em cima da mesa. Ela começou dizendo que a música que lia era muito importante para ela, pois era a música que a família do amigo dela que foi assassinado mais ouvia depois da morte dele. Destacou que o trecho “dali a poucos minutos, mais uma Dona Maria de luto” fazia lembrar de como foi difícil tentar oferecer conforto para a mãe do amigo enquanto ela também sofria. Refletiu sobre como a letra da música denuncia a

banalização da morte, dos assassinatos e do sofrimento dos parentes que perderam um ente querido na violência urbana. Luiza foi lendo a letra toda, mas quando chegou nesse trecho da música a voz foi ficando trêmula, algumas lágrimas foram rapidamente enxugadas e, após um longo suspiro, ela seguiu a apresentação.

A quarta foi Tawane, jovem negra que levou duas obras para apresentar no sarau. A primeira foi uma poesia autoral que falava sobre a gostosa lembrança de sua infância. Ela contava sobre a falta que sentia do quintal da casa onde morava quando era criança e que quando ela e sua família se mudaram para uma casa sem quintal, sentiu muita diferença. Refletiu que por um lado era bom ter se mudado, pois a localização da nova casa era melhor, porém o fato da casa antiga ser mais espaçosa e com quintal para brincar gerava saudade. A segunda obra foi a música “Olhos Coloridos” do compositor Macau e eternizada na voz de Sandra de Sá. Ela contou que essa música foi muito importante em um período da sua adolescência, quando sofria agressões verbais direcionadas ao seu cabelo crespo. A música serviu como acalanto e força para resistir às agressões. Ao falar sobre esse episódio de sua vida, algumas lágrimas escorreram de seu rosto, mas rapidamente foram cessadas. Logo em seguida ela leu a letra da música e houve uma breve reflexão na turma sobre como essa letra se tornou símbolo de resistência e autoestima da população negra brasileira.

Esse sarau teve muitas outras camadas, mas as que foram trazidas aqui contemplam boa parte das reflexões, sentimentos e palavras que tomaram vida naquele momento. Retomo aqui a ideia do título dessa seção sobre (auto)reflexão e o (se) remexer por dentro e por fora. Acredito que essa atividade foi capaz de proporcionar reflexões sobre si e sobre o que está em volta. Não no sentido do que está em volta naquela sala, mas também sobre a sociedade. Nos intervalos entre algumas apresentações, eu e meu orientador fizemos alguns apontamentos que reverberaram debates coletivos sobre o que era falado e compartilhado. Com as conversas que surgiram ali foi possível refletir de dentro para fora e de fora para dentro. Refletir o individual e o coletivo. Refletir o encontro de tudo isso. Tocar e deixar ser tocado. Ali foi possível se escutar, se ler, acessar sentimentos e pensamentos que talvez não fossem acessados há muito tempo ou nunca tenham sido acessados e olhar para dentro de si. Parece ter sido um momento de buscar em si sentimentos e

pensamentos que a correria do dia a dia muitas vezes não permite que desague. Foi importante perceber como essa escuta do outro também nos toca, como falar pode afetar a nós mesmos que estamos falando e afetar o outro. A aposta aqui é que o Sarau pode ser uma abordagem metodológica que, juntamente com outras, seja eficaz no compartilhamento de conhecimentos e sentimentos, bem como na promoção de escritas e falas com traços autobiográficos. Pode também auxiliar no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e promover a socialização no sentido em que viabiliza esse espaço coletivo para o compartilhamento da palavra - e aqui reitero o viés da palavra como carne, materializadora da vida e propiciadora dos acontecimentos (RUFINO, 2019). O sarau como mais que uma atividade com um fim específico, mas sim como um conjunto de ações que valoriza o processo. Não tem como saber como vai terminar um sarau, o que vai acontecer especificamente, como cada um que está ali vai ser tocado, mas a riqueza reside justamente na grandeza do estar, do presenciar, do experienciar e do processo vivo que acontece ali.

4 PROCESSO NO GERÚNDIO E REGISTRO NO PARTICÍPIO: O QUE O CORPO E AS LETRAS TÊM A NOS CONTAR?

Entendo que essa escrita não será capaz de mostrar tudo o que foi vivido naquele sarau e nem existe essa pretensão, pois entendo que o gerúndio que reflete quando estávamos “falando, rindo, chorando, ouvindo e sentindo” naquele processo tem particularidades e especificidades que o registro aqui em participio do que foi “falado, rido, chorado, ouvido e sentido” não conseguiria demonstrar. Por outro lado, compreendo também a importância dessa escrita na tentativa de refletir a partir dos movimentos gerados naquele sarau. Quando falo em registro, não é no sentido apenas de uma descrição ou transcrição do que aconteceu, mas sim do registro do que nasceu a partir daquele encontro. É como se os riachos dos atos, dos olhares, das falas, das escutas, das lágrimas e dos risos acontecidos naquele processo desaguassem nesse rio maior se misturando com as percepções e reflexões que se formaram a partir dali - tanto as reflexões que surgiram naquele momento do sarau, nas conversas entre uma apresentação e outra, quanto as que surgiram depois dali e no momento desta escrita.

Perceber as reverberações do que foi falado e ouvido, escrito e lido, exposto e sentido, traz a ideia da arte - aqui especificamente da poesia e do sarau - como possibilidade de ultrapassar as barreiras dicotômicas que separam o corpo da mente, a emoção da razão e chacoalhar tudo isso para ver no que dá. No sarau a palavra pode até ser considerada protagonista, mas existem muitos outros pontos envolvidos. O tom de voz, os olhares, o corpo, as pausas, as respirações, os silêncios, os sentimentos...tudo isso faz parte do sarau também. Martins (2010, p.128) nos aponta sobre as formas poéticas que

a palavra poética, cantada e vocalizada, ressoa como efeito de uma linguagem performática do corpo, inscrevendo o sujeito emissor, que a porta, e o receptor, a quem também circunscreve, em um determinado circuito de expressão, potência e poder. Como sopro, hálito, dicção e acontecimento performático, a palavra proferida e cantada, numinosa e aurática, grafa-se na performance do corpo, portal e índice da sabedoria.

Sendo assim, o corpo também ganha destaque nesse contexto. Mais uma vez é notória a indissociação entre tudo o que acontece no sarau. Ao dedicar uma percepção ampla sobre os sons, os silêncios, os gestos, os risos, as lágrimas juntamente com as palavras, é possível entender que esse grande rio que comentei anteriormente não filtrou as águas dos riachos que chegaram até ele para separar, mas sim reconheceu sua grandiosidade e força através do novo que surgiu do encontro deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo Ferreira (Orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019.

FERRÉZ (org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. São Paulo: Agir, 2005.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda. Lavrar a palavra: uma breve reflexão sobre a literatura afro-brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org). *Um tigre na floresta de signos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

MESQUITEIROS. *Pode pá que é 10!*: Antologia de Poesia e Prosa. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo - Secretaria de Cultura, 2016.

OLIVEIRA, L. A. de. Sociogênese possível dos saraus: uma história de rupturas na cultura brasileira . *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/sec.v23i.62830. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/62830>. Acesso em: 28 set. 2024

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, André. *Slam Interescolar é espaço para expressão de estudantes de 11 a 17 anos*. Periferia em movimento, 2023. Disponível em <<https://periferiaemmovimento.com.br/slaminterescolar112023/>> Acesso em: 24 set. 2024

SOARES, Mei Hua. A literatura marginal-periférica na escola. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-30042009-143257. Acesso em: 27 de set. 2024.

SISEB SÃO PAULO. *Oficina - Pedagogia dos Saraus | Rodrigo Ciríaco*. YouTube, 19 de agosto de 2020. Disponível em <<https://youtu.be/hVnolKrsEPc?feature=shared>> Acesso em: 23 set. 2024

VAZ, Sérgio. *O que é literatura periférica?*. 30 de julho de 2018. Facebook: Sérgio Vaz . Disponível em: <<https://www.facebook.com/354571867955570/posts/pfbid0a4cDjDiY29T8M54ha6JZjh5Px4Vr4vqN3ERK8AZxKtP5Z9NQA5TFVAeq3UYAuuhml/?d=n>> Acesso em: 22 set. 2024

VAZ, Sérgio. *Sérgio Vaz: "Poesia para mim é quando ela desce do pedestal e beija os pés da comunidade"*. Brasil de Fato. 2021. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade>> Acesso em: 22 set. 2024